

OS FRAGMENTOS HERMÉTICOS GREGOS DO *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ*: TRADUÇÃO E
ANÁLISE COMPARATIVA COM A VERSÃO LATINA DO *ASCLEPIUS* 8, 19, 26, 27,
28, 29, 39

David Pessoa de Lira¹

Letícia Maria Quintella Viana²

Resumo: O presente artigo objetiva estabelecer a tradução dos fragmentos herméticos gregos do *Λόγος Τέλειος* para o português. Especificamente, analisa-se comparativamente os fragmentos gregos com a tradução latina do *Asclepius*. Em particular, este artigo demonstra que os fragmentos gregos concordam muito com o texto latino, servindo, inclusive, de correção mútua (NOCK; FESTUGIERE, 2011). No entanto, as adaptações da tradução do grego para o latim, no *Asclepius*, não são apenas resultados de adição ou subtração de palavras e sentenças, mas de uma tradução *sensus de sensu* (ROCHETTE, 2003). Na língua portuguesa, não há nenhuma tradução dos fragmentos herméticos gregos do *Λόγος Τέλειος*. Sendo assim, através de uma tradução paralela grego-português, busca-se verificar cada fragmento em comparação ao texto latino do *Asclepius*.

Palavras-chaves: *Λόγος Τέλειος*; *Asclepius Latinus*; Tradução; Literatura Clássica; Literatura Hermética.

Abstract: This article aims to establish a translation of the Greek hermetic fragments of the *Λόγος Τέλειος* to Portuguese. Specifically, the Greek fragments are compared with the Latin translation of *Asclepius*. In particular, this article demonstrates that the Greek fragments often correspond to the Latin text, even serving as a mutual correction (NOCK; FESTUGIERE, 2011). However, the adaptations of the translation from Greek to Latin in the *Asclepius* are not only results of adding or subtracting words and sentences, but also of a *sensus de sensu* translation (ROCHETTE, 2003). In Portuguese, there is no translation of the Greek hermetic fragments of the *Λόγος Τέλειος*. Thus, through a parallel Greek-Portuguese translation, one seeks to verify each fragment in comparison to the Latin text of the *Asclepius*.

Keywords: *Λόγος Τέλειος*; *Asclepius Latinus*; Translation; Classical Literature; Hermetic Literature.

Introdução

O *Asclepius Latinus* (Ascl.) se refere a uma tradução latina do tratado hermético, cujo nome, de acordo com Lactâncio e João Lídio, era *Λόγος Τέλειος* [*Logos Teleios*] ou, em latim, *Sermo perfectus*. Esse tratado se apresenta em forma de um diálogo entre as personagens míticas Hermes Trismegistos e Asclépio, que discorrem sobre assuntos antropológicos, cosmológicos e teológicos. Não existe uma versão grega completa do *Λόγος Τέλειος*, mas

¹ Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) na área de Língua e Literatura Latinas.

² Licenciada em Letras Clássicas – Grego e Latim pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

apenas fragmentos.³

Há apenas fragmentos de algumas partes, a saber, *Ascl.* 8, 19, 26, 27, 28, 29, 39, 41. Outras partes podem ser encontradas em versão copta: *Ascl.* 21-29 (NHC VI.8 - sob o nome *Logos Teleios*) e 41 (NHC VI.7 - *Oração de Ação de Graças*).⁴ Os fragmentos gregos do *Λόγος Τέλειος* são dignos de nota, a saber, as citações de Lactâncio (séc. III-IV E.C.), de Cirilo de Alexandria (séc. IV-V E.C.), de João Estobeu (séc. V E.C.), de João Lídio, as citações em *De Sancta Ecclesia* – Pseudoantimo (séc. IV E.C.) e o texto grego da oração final de *Asclepius* que se encontra no *Papyrus de Louvre* 2391 ou no *Papiro Mágico Mimaut* XVIII. 591-611 (séc. II a. E.C. e IV E.C.).⁵

Além das interferências sintáticas gregas, o tradutor do *Asclepius Latinus* emprega palavras gregas (às vezes transliteradas em caracteres latinos pelos copistas medievais e editores modernos) (Cf. *Ascl.* 8, 10, 14, 17, 19, 39, 41b). Das onze palavras gregas, a saber, Ἄιδης, ἀριθμητική, εἰμαρμένη, ἰδεῖν, κόσμος, οὐσία, οὐσιάρχης, οὐσιώδης, Παντόμορφος, ὕλη, ὑλικός, duas estão nos fragmentos gregos: εἰμαρμένη, οὐσιάρχης. As outras existem praticamente em paráfrases e explicações do tradutor.⁶

Em geral, os pesquisadores defendem que esse texto hermético provavelmente foi escrito entre o séc. II e III E.C. e que sua tradução do grego para o latim tenha ocorrido possivelmente entre o séc. III e IV E.C. O fato de alguns autores do Norte da África, como Agostinho e Lactâncio, terem citado o *Asclepius Latinus* ou o *Logos Teleios*, bem como a tradução latina ter sobrevivido entre os escritos de Apuleio,⁷ levou vários pesquisadores a defender que a tradução latina de *Asclepius* tenha sido produzida naquele ambiente ou contexto.⁸

Os fragmentos coptas do *Asclepius* da Biblioteca do *Nag Hammadi* também reforçam essa teoria, inclusive Jean-Pierre Mahé defende que um latinista deve ter alterado

³ ROCHETTE, 2003, p. 68-70; MAHÉ, 1974, p. 136; DODD, 2005, p. 11; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 275-276.

⁴ NHC é a abreviatura da expressão *Nag Hammadi Codices* (Códices de Nag Hammadi) nos contextos anglo-americanos. Neste artigo, doravante empregar-se-á esta abreviatura para designar os códices da Biblioteca de Nag Hammadi ou a Biblioteca em geral. Sobre os fragmentos coptas do *Asclepius*, cf. NAG HAMMADI, 1978, v. 11, p. 378-387, 400-451; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2019, t. 5, p. 112-131, 146-191.

⁵ PREISENDANZ, 1974, v. 1, p. 56-58; SCOTT, 1985, v. 1, p. 49, 92-95, 374-377; NAG HAMMADI, 1978, v. 11, p. 378-387; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 353-354; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2019, t. 5, p. 112-131; EBELING, 2011, p. 10-11; VAN DEN BROEK, 2006, p. 493-496; MAHÉ, 2005, v. 6, p. 3939; YATES, 1991, p. 35. COPENHAVER, 2000, p. 213-214; FOWDEN, 1993, p. 9-10, 171; SCOTT, 1985, v. 1, p. 49, 92-95, 374-377; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 353-354.

⁶ ROCHETTE, 2003, p. 79.

⁷ Apuleio também é do Norte da África.

⁸ EBELING, 2011, p. 10; VAN DEN BROEK, 2006, p. 493; COPENHAVER, 2000, p. 213-214; FOWDEN, 1993, p. 10; 198, n.19; 199; YATES, 1991, p. 9-11; SCOTT, 1985, v. 1, p. 61-81, 85.

redacionalmente o texto copta do *Λόγος Τέλειος* para contextualizá-lo ao mundo de fala latina. Mahé ainda salienta que existem modificações, por exemplo, entre o texto copta e latino desse tratado hermético.⁹

A tradução latina do *Sermo Perfectus* (*Λόγος Τέλειος*) sobreviveu entre os documentos de Apuleio de Madaura (125 E.C. a 170 E.C.). No séc. IX, a atribuição autoral dessa tradução a Apuleio começou a circular. No entanto, se considerar a datação dessa tradução, não há como corroborar essa hipótese e, por isso, não se pode confirmar que Apuleio tenha sido seu tradutor.¹⁰

No entanto, Vincent Hunink e outros acadêmicos defendem a hipótese de que, no séc. II E.C., o texto de *Asclepius* já havia sido traduzido para o latim e que as características estilísticas, o conteúdo, o método e as características idiomáticas indicam que a tradução é de Apuleio.¹¹ Sabe-se que a recensão latina de *Asclepius* veio a ser largamente conhecida na Idade Média, principalmente no séc. XII. Embora, *Asclepius* tivesse sido lido largamente na Idade Média e tivesse sido lido entre os cristãos na Antiguidade, é bem verdade de que sua reabilitação só se deu a partir da Renascença com a redescoberta do *Corpus Hermeticum* e sua tradução por Marsilio Ficino. O próprio Ficino acreditava que o *Corpus* e o *Asclepius* eram obras divinas. De qualquer forma, esses dois documentos se constituem como os mais importantes dentre os textos herméticos.¹²

Lactânio, em sua obra de sete volumes, a saber, *Divinae Institutiones*,¹³ fez várias referências a escritos herméticos e a Hermes Trismegistos.¹⁴ Para exemplificar, menciona-se, aqui, uma passagem de Lactant., *Diu. Inst.* 2. 15.7:¹⁵

Também Asclépio, ouvinte dele [sic de Hermes], explicava a mesma sentença mais amplamente naquele *Discurso Perfeito* que escreveu ao rei, os dois verdadeiramente afirmam que os *daimones* são inimigos e carrascos dos homens que, por esta razão, Trismegisto [os] chama de ἀγγέλους πονηρούς (tradução própria).¹⁶

⁹ MAHÉ, 1974, p. 154-155.

¹⁰ Cf. APULEI PLATONICI MADAURENSIS, 1921, v.3, p. 36s.

¹¹ Cf. HUNINK, 1996, p. 288-308, 1996.

¹² Cf. YATES, 1991, p. 2, 9-11, 40-41; VAN DEN BROEK, 2006, p. 494; NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 2, p. 264ss.

¹³ CARDOSO, 2011, p. 183.

¹⁴ HERMETICA, 1993, v. 1, p. 49, 92-95; VAN DEN BROEK, 2006, p. 493; YATES, 1964, p. 7.

¹⁵ LIRA, 2018, p. 115-116.

¹⁶ O grifo itálico na tradução é nosso. *Asclepius quoque auditor eius* [sic *Hermetis*] *eandem sententiam latius explicauit in illo sermone perfecto quem scripsit ad regem, uterque uero daemones esse adfirmat inimicos et uexatores hominum quos ideo Trismegistus ἀγγέλους πονηρούς appellat* (Lactant., *Diu. Inst.* 2. 15.7). LACTANTIVS, 1965, p. 166.

A expressão *Sermo Perfectus*, empregada por Lactâncio, é uma tradução latina do título do *Λόγος Τέλειος*, como se pode constatar na seguinte passagem:¹⁷

mas também, nesse tempo, ter sido enviado o filho de Deus pelo Pai para que destruísse todos os males e para que liberasse os pios sem astúcia do demônio. Pois Hermes, todavia, não dissimulou. Pois no livro dele, que é intitulado *λόγος τέλειος*, depois da enumeração dos males sobre os quais falamos, expôs essas coisas... (tradução própria).¹⁸

Não obstante, as fraseologias *πρὸς Ἀσκληπιὸν τὸν ἱατρὸν* e *ἐκ τῶν πρὸς Ἀσκληπιόν*, que ocorrem em Estobeu e em Pseudoantimo, sugerem, além do título *Sermo Perfectus* ou *Λόγος Τέλειος*, a possibilidade de um outro título do *Ascl.*, a saber, *Ἑρμοῦ Τριμεγίστου βίβλος ἱερὰ πρὸς Ἀσκληπιὸν προσφωνηθεῖσα*.¹⁹ Ao comparar Pseudoantimo com Lactâncio a respeito do *Ascl.* 8, *Testimonia* 20, pode-se pressupor que *πρὸς Ἀσκληπιὸν τὸν ἱατρὸν* esteja no lugar do título *Λόγος Τέλειος*:²⁰

φάσκει (λέγει cod. S) γὰρ οὕτως (οὕτω S.) (sc. Ἑρμῆς ὁ ἐπικληθεὶς Τριμέγιστος) πρὸς Ἀσκληπιὸν τὸν ἱατρὸν. Ἄκουε τοιγαροῦν, Ἀσκληπιέ (A. om. cod. S), ὁ κύριος καὶ τῶν πάντων ποιητής, ὃν καλεῖν θεὸν νενομίκαμεν, ἔτι τὸν δεύτερον ἐποίησε θεὸν ὁρατὸν καὶ αἰσθητόν... εἴτα πάλιν ὁ Τριμέγιστός φησιν. Ἐπεὶ οὖν τοῦτον ἐποίησε πρῶτον καὶ μόνον καὶ ἓνα, καλὸς δὲ (κάλλιος δὲ cod. A., κάλος τε cod. S, κάλλιστος δὲ Mercati) αὐτῷ ἐφάνη καὶ πληρέστατος πάντων τῶν ἀγαθῶν, ἡγάσθη, τε καὶ πάνυ ἐφίλησεν αὐτὸν ὡς ἴδιον τόκον (Pseudo-Anthimus, *Ad Theodorum* 10-11).²¹

*Hermes in eo libro qui λόγος τέλειος inscribitur, his usus est uerbis: ὁ κύριος καὶ τῶν πάντων ποιητής, ὃν θεὸν καλεῖν νενομίκαμεν, ἐπεὶ τὸν δεύτερον ἐποίησε, θεὸν ὁρατὸν καὶ αἰσθητόν, - αἰσθητόν δὲ φημι οὐ διὰ τὸ αἰσθάνεσθαι αὐτόν, περὶ γὰρ τούτου πότερον αὐτὸς αἰσθεται ἢ μή, εἰσαῦθις ῥηθήσεται, ἀλλὰ ὅτι εἰς αἰσθησιν ὑποπέμπει καὶ εἰς νοῦν ὅρασιν - ἐπεὶ οὖν τοῦτον ἐποίησε πρῶτον καὶ μόνον καὶ ἓνα, καλὸς δὲ αὐτῷ ἐφάνη καὶ πληρέστατος πάντων τῶν ἀγαθῶν, ἡγάσθη τε καὶ πάνυ ἐφίλησεν ὡς ἴδιον τόκον (Lactant., *Diu Inst.* 4. 6. 4).*²²

Os vários fragmentos gregos e citações de passagens em grego do tratado *Ascl.* e a

¹⁷ LIRA, 2018, p. 116.

¹⁸ *sed et illud non sine daemonum fraude subtractum, missuiri a patre tunc filium dei, qui deletis omnibus malis pios liberet. quod Hermes tamen non dissimulauit. in eo enim libro qui λόγος τέλειος inscribitur, post enumerationem malorum de quibus diximus subiecit haec...* (Lactant., *Diu. Inst.* 7. 18. 3). LACTANTIVS, 2011, Fasc. 4, p. 706-707.

¹⁹ NOCK; FESTUGIERE, 2011, t. 2, p. 277.

²⁰ LIRA, 2018, p. 116.

²¹ Diz, pois, assim, [Hermes, o que é chamado Trismegistos] a Asclépio, o médico: Ouve, assim pois, Asclépio, o senhor e também feitor de todas as coisas, que temos por costume chamar de deus, ainda fez o segundo, o deus visível e sensível... Então Trismegistos disse: então fez esse primeiro somente-um, e belo também lhe pareceu o mais pleno de todos os bens, admirou e o amou muito como [seu] próprio rebento (tradução própria). (MERCATI, 1901, p. 97; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 305).

²² Hermes em seu livro, que é intitulado *λόγος τέλειος*, serviu das palavras: o senhor e também feitor de todas as coisas, que temos por costume chamar de deus, por conseguinte, fez o segundo, o deus visível e sensível, - e sensível digo não por ser percebido pelos sentidos (pois, acerca disso, por qual dos dois ele é sentido ou não, daqui em diante se dirá), mas porque cai no sentido, na mente, na visão – então, assim, fez esse primeiro, único e um, e belo também lhe pareceu o mais pleno de todos os bens, admirou e o amou muito como [seu] próprio rebento (tradução própria). (LACTANTIVS, 1965, p. 286-287; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 304-305).

descoberta de trechos em copta confirmaram que o *Sermo Perfectus* (Λόγος Τέλειος) é uma obra originalmente escrita em grego. As características da originalidade grega se evidenciam quando o texto latino e o texto copta são comparados. Inclusive, percebe-se que o texto latino é uma tradução *sensus de sensu*, usando de liberdade para expandir e diminuir o texto arbitrariamente.²³ Pode-se notar que a versão latina do *Sermo Perfectus* (Λόγος Τέλειος) é uma paráfrase ao comparar com os fragmentos gregos e coptas. O texto apresenta várias camuflagens feitas pelo tradutor. Em todo caso, estabelecendo um cotejamento entre os textos copta, grego e latino, é possível reconstruir o texto do *Sermo Perfectus* (Λόγος Τέλειος) em maior ou menor grau.²⁴

Segundo Arthur Darby Nock: “O fato mesmo da tradução é importante. Algum pagão do declínio, em Roma, na África ou até no Egito (porque o bilinguismo foi assaz extenso no fim da antiguidade), considerou-o uma boa ideia traduzir o λόγος τέλειος, e o fez em uma língua próxima da língua de traduções cristãs...”²⁵ Para Nock, os fragmentos gregos concordam muito com o texto latino, de maneira que há possibilidade de correção mútua e recíproca entre eles. Em todo caso, para Nock, deve-se levar em conta que os fragmentos gregos não podem ser representações do texto original. Isso é explicitado pelo *Papiro Mimaout XVIII*. 591-611, que adaptou a oração do *Ascl.* 41b. Não obstante, o texto latino do *Ascl.* parece uma tradução livre e sem a precisão. Em outras palavras, trata-se de uma versão cuja tradução evidencia a falta de clareza na correspondência entre termos latinos e gregos. Em todo caso, não se pode desconsiderar o fato de que o texto do *Sermo Perfectus* (Λόγος Τέλειος) foi submetido a modificações, objetivando o contexto cultural diferente.²⁶

Por essa razão, evitou-se, aqui, estabelecer a tradução e análise do fragmento grego do *Ascl.* 41b. O fato da *Oração de Ação de Graças* aparecer no NHC VI.7 e no *Papiro Mimaout* de forma avulsa levantou a questão se essa oração era parte integrante do tratado *Asclepius* ou não. A dúvida é suscitada ao perguntar se essa oração pertencia ao tratado *Asclepius*, sendo posteriormente posta em circulação independente do texto desse tratado; ou se ela sempre

²³ ROCHETTE, 2003, p. 96.

²⁴ VAN DEN BROEK, 2006, p. 493-494; FOWDEN, 1993, p. 10.

²⁵ *Le fait même de la traduction est important. Quelque païen de la décadence, à Rome, en Afrique ou même en Egypte (car le bilinguisme était assez répandu à la fin de l'antiquité), a jugé bon de traduire le λόγος τέλειος, et il l'a fait dans une langue proche de la langue des traductions chrétiennes...* NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 2, p. 279.

²⁶ ROCHETTE, 2003, p. 69; PREISENDANZ, 1974, v. 1, p. 56-58; NAG HAMMADI, 1978, v. 11, p. 378-387; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2019, t. 5, p. 112-131; SCOTT, 1985, v. 1, p. 49, 92-95, 374-377; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 279, 353-354; BERTOLINI, 1985, p. 1151-1152; LIRA, 2018, p. 118-119.

circulou de forma avulsa, sendo incorporada ao texto *a posteriori*. Na Antiguidade, orações e hinos poderiam ser usados e reutilizados livremente. Nesse processo de reutilização e recontextualização, essas orações e hinos perdiam seu contexto original e suas primeiras relações e associações com esse contexto.²⁷ Sendo assim, nada explica, com toda certeza e plausibilidade, se a oração preservada no Papiro Mágico *Mimaut* pertencia ao *Λόγος Τέλειος*. Pode-se aventar que essa oração não tenha sido parte da composição original desse tratado e que foi apropriada de algum outro lugar.²⁸ Não obstante, não se pode negar que o texto copta da *Oração de Ação de Graças*, NHC VI.7, tenha sido inspirado na oração do epílogo do *Λόγος Τέλειος*. Tudo indica que o compilador do NHC VI conhecesse a oração como se apresentava no *Λόγος Τέλειος*. Contudo, decidiu empregá-la depois do tratado *De Ogdoade et Enneade*, NHC VI.6. Mas o texto copta não consegue ocultar a estrutura narrativa característica do *Λόγος Τέλειος*.²⁹

Bruno Rochette descreve, em seu artigo intitulado *Un cas peu connu de traduction du grec en latin: l'« Asclepius » du Corpus Hermeticum*, que o original grego do *Ascl.* é perdido e só se conhece parcialmente citações dos Santos Padres da Igreja e, para a oração final, um fragmento no *Papiro Mágico*. Rochette, cotejando os fragmentos gregos e a tradução latina, demonstra que *Ascl.* é mais do que uma tradução *ad verbum*. Ele observa as palavras e sentenças adicionadas e subtraídas entre os textos gregos e latinos. Em todo caso, Rochette conclui que a tradução dá um novo caráter ao pensamento hermético. Ademais, Rochette salienta que o tradutor hermetista latino fez com que *Sermo Perfectus* (*Λόγος Τέλειος*) viesse a ser um tratado com característica mais teosófica de edificação moral e religiosa, enfatizando o fervor mistérico que Hermes se faz obrigado a revelar. Assim sendo, segundo Rochette, o *Ascl.* é um exemplo único de tradução-interpretação com objetivo de difundir um texto mistérico para os leitores dedicados em teosofia mais do que filosofia.³⁰

Claramente Bruno Rochette parte das teorias de Sebastian Brock acerca das técnicas de tradução na Antiguidade. Amiúde, na Antiguidade, o tradutor poderia produzir uma versão mais amplamente *sensus de sensu* ou mais ou menos *verbum e verbo* ou *ad verbum*. Brock ainda é o principal teórico no que diz respeito a essa dicotomia. Para Brock, há dois tipos que caracterizam a técnica de tradução: 1) O *sensus de sensu* era o ideal greco-romano por meio

²⁷ FOWDEN, 1993, p. 85.

²⁸ Na verdade, essa oração não tem nenhum título, mas começa com a frase *Esta é a Oração que Eles Pronunciaram* (cf. NAG HAMMADI, 1978, v. 11, p. 62). MAHÉ, 2005, v. 6, p. 3939; VAN DEN BROEK, 2006, p. 494; FOWDEN, 1993, p. 5-6, 85-86.

²⁹ VAN DEN BROEK, 2006, p. 494; FOWDEN, 1993, p. 6, 85.

³⁰ ROCHETTE, 2003, p. 96.

do qual o tradutor focalizava a forma de tradução com impacto no leitor, *levando o original para este*. 2) O *verbum e verbo* é o ideal judaico-cristão, sendo somente concernido com o conteúdo do texto original, *levando o leitor para o original*.³¹

Rochette não estabeleceu nenhuma tradução francesa desses fragmentos. Ele apenas destacou as alterações entre os dois textos, destacando as possíveis intervenções em decorrência do bilinguismo.

Tradução dos Fragmentos Gregos do *Λόγος Τέλειος* e Análise Comparativa com a Versão Latina do *Asclepius*

Na língua portuguesa, não há nenhuma tradução dos fragmentos herméticos gregos do (*Λόγος Τέλειος*). Sendo assim, através de uma tradução paralela grego-português, analisa-se cada fragmento em comparação ao texto latino do *Asclepius*, buscando, especificamente, verificar comparativamente os fragmentos gregos com a tradução latina do *Asclepius*, apontando as principais alterações, sem efetivamente se debruçar no bilinguismo em geral.

Ascl. 8:	Fragmento Hermético Grego	Tradução
<i>audi ergo, Asclepi. dominus et omnium conformator, quem recte dicimus deum, quem a se secundum fecerit, qui uideri et sentiri possit — eundem secundum sensibilem ita dixerim non ideo, quod ipse sentiat (de hoc enim, an ipse sentiat an non, alio dicemus tempore), sed eo, quoniam uidentium sensus incurrit — quoniam ergo hunc fecit ex se primum et a se secundum uisusque ei pulcher utpote qui sit omnium bonitate plenissimus, amavit eum ut diuinitatis partum suae (Ascl. 8).</i> ³²	φάσκει (λέγει cod. S) γὰρ οὕτως (οὕτω S.) (sc. Ἑρμῆς ὁ ἐπικληθεὶς Τρισμέγιστος) πρὸς Ἀσκληπιόν τὸν ἱατρόν. Ἄκουε τοιγαροῦν, Ἀσκληπιέ (A. om. cod. S), ὁ κύριος καὶ τῶν πάντων ποιητής, ὃν καλεῖν θεὸν νενομίκαμεν, ἐτι τὸν δεῦτερον ἐποίησε θεὸν ὁρατὸν καὶ αἰσθητόν... εἴτα πάλιν ὁ Τρισμέγιστος φησιν. Ἐπεὶ οὖν τοῦτον ἐποίησε πρῶτον καὶ μόνον καὶ ἓνα, καλὸς δὲ (κάλλιος δὲ cod. A., κάλος τε cod. S, κάλλιστος δὲ Mercati) αὐτῷ ἐφάνη καὶ πληρέστατος πάντων τῶν ἀγαθῶν, ἡγάσθη, τε καὶ πάνυ ἐφίλησεν αὐτὸν ὡς ἴδιον τόκον (Pseudo-Anthimus, <i>Ad Theodorum</i> 10-11). ³³ <i>Hermes in eo libro qui λόγος τέλειος inscribitur, his usus est uerbis: ὁ κύριος καὶ τῶν πάντων</i>	Diz, pois, assim, [Hermes, o que é chamado Trismegistos] a Asclépio, o médico: Ouve, assim, pois, Asclépio, o senhor e também feitor de todas as coisas, que temos por costume chamar de deus, ainda fez o segundo, o deus visível e sensível... Então Trismegistos disse: então fez esse primeiro somente-um, e belo também lhe pareceu o mais pleno de todos os bens, admirou e o amou muito como [seu] próprio rebento (tradução própria). Hermes, em seu livro, que é intitulado <i>λόγος τέλειος</i> , serviu das palavras: o senhor e também feitor de todas as coisas, que temos por costume chamar de

³¹ BROCK, 1979, p. 73, 78; LANGSLOW, 2012, p. 143-145.

³² Então, Asclépio, ouve. O senhor e formador de tudo, a quem, acertadamente, chamamos Deus, quem faria, segundo a si mesmo, aquele que pudesse ver e sentir – esse segundo Deus, se eu já dissesse sensível, não seria, portanto, porque ele próprio sintia (desse mérito, se ele próprio deva sentir ou não, trataremos em outro momento), mas porque ele possui a habilidade dos videntes – depois, então, que fez este primeiro a partir de si mesmo e esse segundo depois de si, e viu que ele era belo, de modo que fosse plenamente preenchido com toda bondade existente, amou-o como parte de sua divindade (tradução própria). HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 304-305; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 298-300.

³³ MERCATI, 1901, p. 97; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 305.

	ποιητής, ὃν θεὸν καλεῖν νενομίκαμεν, ἐπεὶ τὸν δεύτερον ἐποίησε, θεὸν ὁρατὸν καὶ αἰσθητὸν, - αἰσθητὸν δέ φημι οὐ διὰ τὸ αἰσθάνεσθαι αὐτόν, περὶ γὰρ τούτου πότερον αὐτὸς αἰσθεται ἢ μή, εἰσαυθὺς ῥηθήσεται, ἀλλὰ ὅτι εἰς αἰσθησὶν ὑποπέμπει καὶ εἰς νοῦν ὄρασιν - ἐπεὶ οὖν τοῦτον ἐποίησε πρῶτον καὶ μόνον καὶ ἓνα, καλὸς δὲ αὐτῷ ἐφάνη καὶ πληρέστατος πάντων τῶν ἀγαθῶν, ἠγάσθη τε καὶ πάνυ ἐφίλησεν ὥς ἴδιον τέκνον (Lactant., <i>Diu Inst.</i> 4. 6. 4).³⁴	deus, por conseguinte, fez o segundo, o deus visível e sensível, - e sensível digo não por ser percebido pelos sentidos (pois, acerca disso, por qual dos dois ele é sentido ou não, daqui em diante se dirá), mas porque cai no sentido, na mente, na visão – então, assim, fez esse primeiro, único e um, e belo também lhe pareceu o mais pleno de todos os bens, admirou e o amou muito como [seu] próprio rebento (tradução própria).
--	--	--

A tradução latina não segue todos os helenismos. Há alguns latinismos que permitem observar o texto mais natural no latim: *πληρέστατος πάντων* é *omnium plenissimus* (genitivo antecede o nome) e *αἰσθάνεσθαι αὐτόν* é *ipse sentiat* (o verbo fica no final da oração).³⁵ Em muitas passagens do *Asclepius*, a versão latina não corresponde ao texto-fonte. O tempo verbal não é respeitado pelo tradutor: o perfeito (*νενομίκαμεν*) é transformado no presente (*dicimus*).³⁶

Ascl. 19 e 39:	Fragmento Hermético Grego	Tradução
----------------	---------------------------	----------

³⁴ LACTANTIVS, 1965, p. 286-287; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 304-305; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 298-300.

³⁵ ROCHETTE, 2003, p. 78.

³⁶ ROCHETTE, 2003, p. 84.

<i>septem sphaerae quae uocantur habent οὐσιάρχας, id est sui principes, quam fortunam dicunt aut Εἰμαρμένην, quibus inmutantur omnia lege naturae stabilitateque firmíssima (Ascl. 19).³⁷</i> <i>haec itaque est aut effectrix rerum aut deus summus aut ab ipso deo qui secundus effectus est deus aut omnium caelestium terrenarumque rerum firmata diuinis legibus disciplina. haec itaque εἰμαρμένη et nécessitas ambae sibi inuicem indiuiduo conexae sunt glutino, quarum prior εἰμαρμένη rerum omnium initia parit; necessitas uero cogit ad effectum, quae ex illius primordiis pendent, has ordo consequitur, id est textus et dispositio temporis rerum perficiendarum. nihil est enim sine ordinis conpositione (Ascl. 39).³⁸</i>	...καὶ μάρτυς Ἑρμῆς ἐν τῷ καλουμένῳ τελείῳ λόγῳ οὕτως εἰπὼν· «αἱ καλούμεναι ἑπτὰ σφαῖραι ἔχουσιν ἀρχὴν τὴν καλουμένην τύχην ἢ εἰμαρμένην, ἥτις πάντα ἁλλοιοῖ καὶ ἐπὶ τῶν αὐτῶν οὐκ ἔξι μένειν. ἡ δὲ εἰμαρμένη ἐστὶ καὶ ἡ εἰμαρτὴ ἐνέργεια ἢ αὐτὸς ὁ θεὸς ἢ ἡ μετ' ἐκείνην τεταγμένη κατὰ πάντων οὐρανίων τε καὶ ἐπιγείων μετὰ τῆς ἀνάγκης τάξις. καὶ ἡ μὲν αὐτὰς κύει τὰς ἀρχὰς τῶν πραγμάτων, ἡ δὲ καταναγκάζει καὶ τὰ τέλη γίνεσθαι ταύταις δὲ ἀκολουθεῖ τάξις καὶ νόμος καὶ οὐδὲν ἄτακτον (Jo. Lyd., <i>De Mensibus</i> 4.7).³⁹	...e o mártir Hermes, no chamado <i>λόγος τέλειος</i>, assim disse: “as chamadas sete esferas têm princípio, chamado de sorte e destino, que muda todas as coisas e não permite ficar sobre as mesmas. E o fado é também a energia destinada ou o próprio Deus ou o ordenado depois dele [sic do fado] abaixo de todas as coisas celestiais e terrestres com a ordem da necessidade. O fado gesta os princípios dos acontecimentos ou sobrepuja pela força para que os fins venham a ser; e a ordem e a lei seguem essas coisas e nada é desordenado (tradução própria).
---	--	---

O texto latino apresenta algumas curiosidades: ἔχουσιν ἀρχὴν é traduzido por *habent οὐσιάρχας, id est sui principes*. Segundo a conjectura de Walter Scott, o original grego deveria ter οὐσιάρχην. O tradutor não só trocou a palavra como também deu uma explicação – o que pode configurar uma comutação de código. Em todo caso, o tradutor explicou uma noção difícil de ἀρχή e usou o pronome relativo feminino *quam fortunam* sob a influência do sintagma τὴν καλουμένην τύχην. Na tradução latina, os verbos seguem para o fim da oração: cf. κύει e parit; ἀκολουθεῖ e consequitur. Em Ascl. 39, o tradutor usa vários reforços: *effectrix* para ἐνέργεια; *summus deus* para αὐτὸς ὁ θεός; *diuinis legibus* para ἀνάγκη; *sine ordinis*

³⁷ As sete esferas, como são chamadas, têm como οὐσιάρχας, isto é, como seus líderes, o que dizem ser fortuna ou Εἰμαρμένην, pelos quais todas as coisas são mudadas, a partir da lei da natureza e uma estabilidade firmíssima (tradução própria). HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 319; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 324.

³⁸ Dessa maneira, esta, a causa das coisas é: ou o sumo deus ou aquele segundo deus causado pelo deus demiurgo ou a disciplina firmada pelas leis divinas de todos os seres celestes e das coisas terrenas. Dessa maneira, εἰμαρμένη e necessidade ambos estão mutuamente conectados por uma espécie de cola indivisível, dentre eles, é εἰμαρμένη quem primeiramente começa a dar à luz todas as coisas; em verdade, necessidade conduz à feitura as coisas que pendem desse [deus] primordial, ambos atingem a ordem, isto é, estabelecendo o encadeamento e a disposição temporal das coisas. De fato, nada está fora da ordem que eles compõem (tradução própria). HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 350; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 362.

³⁹ IOANNES LYDUS, c2006, p. 21-22; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 319, 350; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 324, 362.

compositione ἄτακτον. Ainda, no *Ascl.* 39, existem duas explicações doutrinárias: a) *ab ipso deo qui secundus effectus est deus* – enfatiza o fado que controla as coisas e Deus como fonte primária do mundo; b) *dispositio temporis rerum perficiendarum* – explicando a teoria da ordem do mundo. As duas explicações reforçam o *deus summus* e *diuinis legibus*.⁴⁰

Ascl. 26	Fragmento Hermético Grego	Tradução
<i>cum haec cuncta contigerint, o Asclepi, tunc ille dominus et pater, deus primipotens et unius gubernator dei, intuens in mexres factaque uoluntaria, uoluntate sua, quae est dei benignitas, uitiis resistens et corruptelae omnium, errorem reuocans, malignitatem omnem uel inluuione diluens uel igne consumens uel morbis pestilentibus iisque per diuersa loca dispersis finiens ad antiquam faciem mundum reuocabit...</i> (Ascl. 26). ⁴¹	<i>sed et illud non sine daemonum fraude subtractum, missui a patre tunc filium dei, qui deletis omnibus malis pios liberet. quod Hermes tamen non dissimulauit. in eo enim libro qui λόγος τέλειος inscribitur, post enumerationem malorum de quibus diximus subiecit haec: ἐπὶ δὴ ταῦτα γένηται, ὃ Ἀσκληπιέ, τότε ὁ κύριος καὶ πατήρ καὶ θεὸς καὶ τοῦ πρώτου καὶ ἑνὸς θεοῦ δημιουργός ἐπιβλέψας τοῖς γενομένοις καὶ τὴν ἑαυτοῦ βούλησιν τοῦτ' ἔστιν τὸ ἀγαθὸν ἀντερείσας τῇ ἀταξίᾳ καὶ ἀνακαλεσάμενος τὴν πλάνην καὶ τὴν κακίαν ἐκκαθάρας, πῇ μὲν ὕδατι πολλῷ κατακλύσας, πῇ δὲ πυρὶ ὀξύτατ' διακαύσας, ἐνίοτε δὲ πολέμοις καὶ λοιμοῖς ἐκπαίσας ἤγαγεν ἐπὶ τὸ ἀρχαῖον καὶ ἀποκατέστησεν τὸν ἑαυτοῦ κόσμον</i> (Lactant., <i>Diu. Inst.</i> 7. 18. 3-5). ⁴²	Mas também, nesse tempo, ter sido enviado o filho de Deus pelo Pai para que destruísse todos os males e para que liberasse os pios sem astúcia do demônio. Pois Hermes, todavia, não dissimulou. Pois no livro dele, que é intitulado λόγος τέλειος, depois da enumeração dos males sobre os quais falamos, expôs essas coisas: quando essas coisas vierem a ser, ó Asclépio, então o senhor, pai, Deus e o criador do primeiro e único deus, tendo visto sobre os eventos, tendo organizado a desordem, isto é, o bem; tendo purificado o engano e o mal; por um lado, em algum lugar, tendo inundado com muita água; por outro lado, tendo queimado com fogo agudo; às vezes tendo jogado com guerras e pragas; tendo renovado o seu mundo, conduziu-o ao princípio (tradução própria).

O texto latino do *Ascl.* 26 verte τοῦ πρώτου por *hapax legomenon*,⁴³ a saber, *primipotens*; ὕδατι πολλῷ é traduzido por *inluuione*. Ademais, ao invés de traduzir πολέμοις (guerra), o tradutor procurou desenvolver o sentido de λοιμοῖς (*pestilentibus iisque per diuersa loca dispersis*). Como supramencionado, o tempo verbal não é respeitado pelo tradutor e, em muitas passagens do *Asclepius*, a versão latina não corresponde ao texto-fonte. Assim, o tempo aoristo da língua-fonte se transforma em um presente ou futuro na língua objetivo: ἐπιβλέψας por *intuens*; ἀντερείσας por *resistens*; κατακλύσας por *diluens*;

⁴⁰ ROCHETTE, 2003, p. 78, 83, 86.

⁴¹ Então, conforme todas essas coisas acontecessem, ó Asclépio, aquele senhor e pai, o Deus primeiro em poder, forjador desse Deus único, analisando seus costumes e tudo o que havia feito voluntariamente, por vontade própria, que é benevolência divina, resistindo aos vícios e à corrupção de todos, ratificando o erro, faria regressar toda a maldade, ou diluindo-a por uma inundação ou consumindo-a pelo fogo ou pondo-a a termo por doença pestilenta, a qual seria espalhada por diversos locais até que o mundo tornasse à sua antiga face (tradução própria). HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 330-331; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 344-346.

⁴² LACTANTIVS, 2011, Fasc. 4, p. 706-707. HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 330-331; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 344-346.

⁴³ DELATTE; GOVAERTS; DENOZ, 1977, p. 321.

διακαύσας por *consumens*; ἤγαγεν por *finiens*; ἀποκατέστησεν por *reuocabit*.⁴⁴ A ideia da mudança de uma narrativa temporal histórica para um futuro está baseada em *vaticinium ex eventu* sobre o Egito. O texto grego descreve uma ênfase profética ao estilo religioso do Egito:⁴⁵ a tristeza do homem pela destruição do mundo. O tradutor do *Ascl.*, ao mudar o tempo, enfatiza sua esperança na reabilitação do mundo, à idade primordial, pela vontade divina (*ad antiquam faciem mundum revocabit*). Por fim, as ênfases são dadas por adjetivos como *cuncta*, *omnium* e *omnem*.⁴⁶

Ascl. 27	Fragmento Hermético Grego	Tradução
<i>de inmortalī uero aut de mortali modo disserendum est. multos enim spes timorque mortis excruciat uerae rationis ignaros. mors enim efficitur dissolutione corporis labore defessi et numeri conpleti, quo corporis membra in unam machinam ad usus uitalis aptantur. moritur enim corpus, quando hominis uitalia ferre posse destiterit. haec est ergo mors, corporis dissolutio et corporalis sensus interitus</i> (Ascl. 27). ⁴⁷	Περὶ δὲ τοῦ θανάτου νῦν λεκτέον. τοὺς γὰρ πολλοὺς ὁ θάνατος φοβεῖ ὡς κακὸν μέγιστον, ἀγνοίᾳ τοῦ πράγματος, θάνατος γὰρ γίγνεται διάλυσις καμόντος σώματος καὶ τοῦ ἀριθμοῦ πληρωθέντος τῶν ἀρμῶν τοῦ σώματος· ἀριθμὸς γὰρ ἐστὶν ἡ ἀρμογὴ τοῦ σώματος, ἀποθνήσκει δὲ τὸ σῶμα ὅταν μηκέτι δύνηται φέρειν τὸν ἄνθρωπον. καὶ τοῦτο ἔστι θάνατος, διάλυσις σώματος καὶ ἀφανισμὸς αἰσθήσεως σωματικῆς. (Stob. 14. 52. 47 - Ἑρμοῦ ἐκ τῶν πρὸς Ἀσκληπιόν). ⁴⁸	Sobre a morte agora deve ser dito. A morte aterroriza todos como um grande mal, um desconhecimento do que acontece, pois, a morte vem a ser a dissolução do corpo que tem laborado, uma vez que o número dos membros do corpo tem se completado; pois o número é junção do corpo, morre o corpo quando nunca mais puder carregar o homem. E isso é a morte, a dissolução do corpo e a extinção do sentido corporal (tradução própria).

O texto latino verteu τοῦ θανάτου por *de immortali et de mortali*. A frase ὁ θάνατος φοβεῖ é substituída por uma expressão não muito literal, a saber, *spes timorque mortis* (a esperança e o temor da morte). No texto-fonte, a morte é vista como uma noção simples e pura enquanto, no texto-objetivo, é partilhada a ideia de temor e esperança. Ademais, a expressão ἀγνοίᾳ τοῦ πράγματος é transformada em *uerae rationis ignaros* (o termo abstrato [ἀγνοίᾳ] se transforma em um adjetivo [*ignarus*]). Em última análise, o tradutor desenvolveu as adaptações. A junção do corpo não é somente o número (como no texto-fonte), mas o

⁴⁴ ROCHETTE, 2003, p. 84.

⁴⁵ DERCHAIN, 1962, p. 175-198.

⁴⁶ ROCHETTE, 2003, p. 84-85.

⁴⁷ Da verdade imortal tal como do fado mortal deve ser dito. Certamente, o temor e a espera da morte torturam muitos que desconhecem os verdadeiros fatos. A morte, por certo, é causada pela dissolução do corpo exausto devido ao trabalho e à completude dos anos, durante a qual os membros do corpo são ajustados em uma única máquina à disposição da vida. O corpo estaria morto, certamente, quando não pudesse mais carregar a vitalidade humana. Logo, esta é a morte, a dissolução do corpo e de qualquer sentido corporal (tradução própria). HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 333; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 364-366.

⁴⁸ HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 333; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 364.

*número [de anos para] os quais os membros do corpo se juntam em uma máquina para uso vital.*⁴⁹

Ascl. 28	Fragmento Hermético Grego	Tradução
<i>cum fuerit animae e corpore facta discessio, tunc arbitrium examenque meriti eius transiet in summi daemonis potestatem, isque eam cum piam iustamque peruiderit, in sibi conpetentibus locis manere permittit; sin autem delictorum inlitam maculis uitiiisque oblitam uiderit, desuper ad ima deturbans procellis turbinibusque aëris, ignis et aquae saepe discordantibus tradit...</i>(Ascl. 28).⁵⁰	κατὰ τὸν Αἰγύπτιον Ἑρμῆν, ὃς ἐν τῷ λεγομένῳ τελείῳ λόγῳ φησὶν οὕτως· «αἱ δὲ παραβᾶσαι ψυχαὶ τὸν τῆς εὐσεβείας κανόνα, ἐπὶ ἀπαλλαγῶσι τοῦ σώματος, παραδίδονται τοῖς δαίμοσι καὶ φέρονται κατὰ τοῦ ἀέρος σφενδονούμεναι καὶ κατὰ τὰς πυρώδεις καὶ χαλαζώδεις ζώνας, ἃς οἱ ποιηταὶ Πυριφλεγέθοντα καὶ Τάρταρον καλοῦσιν.» καὶ ὁ μὲν Ἑρμῆς περὶ μόνου τοῦ καθαρμοῦ τῶν ψυχῶν... (Jo. Lyd., <i>De Mensibus</i> 4.149).⁵¹ Ὅτι ὁ Αἰγύπτιος Ἑρμῆς ἐν τῷ λόγῳ αὐτοῦ τῷ καλουμένῳ τελείῳ φησὶ τοὺς μὲν τιμωροὺς τῶν δαιμόνων ἐν αὐτῇ τῇ ὕλῃ παρόντας τιμωρεῖσθαι τὸ ἀνθρώπειον κατ' ἀξίαν, τοὺς δὲ καθαρτικοὺς ἐν τῷ ἀέρι πεπηγότας τὰς ψυχὰς μετὰ θάνατον ἀνατρέχειν πειρωμένας ἀποκαθαίρειν περὶ τὰς χαλαζώδεις καὶ πυρώδεις τοῦ ἀέρος ζώνας, ἃς οἱ ποιηταὶ καὶ αὐτὸς ὁ Πλάτων ἐν Φαίδωνι Τάρταρον καὶ Πυριφλεγέθοντα ὀνομάζουσιν· τοὺς δὲ σωτηρικοὺς πρὸς τῷ σεληνιακῷ χώρῳ τεταγμένους ἀποσώζειν τὰς ψυχὰς (Jo. Lyd., <i>De Mensibus</i> 4.32).⁵²	Segundo Hermes Egípcio, que, no chamado <i>Logos Teleios</i>, disse assim: « as almas que têm transgredido a regra da piedade, quando mudarem de corpo, são entregues aos <i>daimones</i> e são levadas abaixo no ar, tendo sido lançadas também para baixo nas zonas de formas ígneas e de granizo, as quais os poetas chamam de <i>Pyriphlegethon</i> e <i>Tártaro</i>». Também Hermes [disse] sobre a única purificação das almas... (tradução própria). Porque Hermes Egípcio no seu discurso chamado perfeito disse que os castigos dos <i>daimones</i> presentes na própria matéria é para castigar a humanidade dignamente: as almas puras e firmes no ar sobem, sendo testadas para [se] purgarem nas zonas de formas de granizo e fogo, as quais os poetas e o próprio Platão, no <i>Fédon</i>, chamam de <i>Tártaro</i> e <i>Pyriphlegethon</i>; e os salvos, perto do coro lunar, tendo se ordenado, salva as almas (tradução própria).

João Lídio apresenta duas versões para o mesmo assunto. Elas tratam da punição da alma depois da morte. A versão latina, por sua vez, enfatiza as recompensas reservadas às almas piedosas e

⁴⁹ ROCHETTE, 2003, p. 85.

⁵⁰ Quando fosse feita a retirada da alma do corpo, esta, então, transcenderia à posse do sumo espírito, e este examinaria quão pia e justa seria essa [alma], para que permitisse a ela estabelecer-se em suas favoráveis moradas; mas, no entanto, caso a notasse perdida e inclinada aos degradantes vícios dos malfeitores, lançando-a do éter aos confins da terra, a castigaria às tempestades e redemoinhos do ar, das chamas e das águas, constantemente em discórdia (tradução própria). HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 334-335; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 370.

⁵¹ IOANNES LYDUS, c2006, p. 28; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 334; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 324.

⁵² IOANNES LYDUS, c2006, p. 53; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 334; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 324.

justas (*piam iustamque*). Enquanto o texto grego não apresenta o assunto do julgamento (τιμωρεῖσθαι) sem nenhum preâmbulo, o texto latino introduz *arbitrium examenque meriti eius transiet in summi daemonis potestatem*, fazendo referência direta ao julgamento das almas. A ideia de τιμωρία não é traduzido literalmente e vem a ser vertido pela expressão *examenque meriti*, enfatizando o caráter pessoal e individual da religião. A palavra ζῶναι é traduzida por *procellis turbinibusque*.⁵³

Ascl. 29	Fragmento Hermético Grego	Tradução
<i>contra iusto homini in dei religione et in summa pietate praesidium est. deus enim tales ab omnibus tutatur malis</i> (Ascl. 29). ⁵⁴	...adfirmat Hermes eos qui cognouerint deum non tantum ab incursibus daemonum tutos esse, uerum etiam ne fato quidem teneri. μία inquit φυλακή εὐσέβεια. εὐσεβοῦς γὰρ ἀνθρώπου οὔτε δαίμων κακὸς οὔτε εἰμαρμένη κρατεῖ. θεὸς γὰρ ῥύεται τὸν εὐσεβῆ ἐκ παντὸς κακοῦ. τὸ γὰρ ἐν καὶ μόνον ἐν ἀνθρώποις ἐστὶν ἀγαθὸν εὐσέβεια (Lactant., <i>Diu. Inst.</i> 2. 15.6). ⁵⁵	...Hermes afirma essas coisas que aqueles que conhecem Deus não são somente seguros dos ataques dos daimones, mas também do fado. A piedade, diz ele, é uma guarda. Pois nem o daimon mau nem o fado dominam um homem piedoso. Pois Deus livra o piedoso de todo mal. O Um-Só nos homens é a boa piedade. (tradução própria).

Aqui o tradutor do *Asclepius* verte a palavra εὐσέβεια por *in dei religione et in summa pietate*. As expressões *dei religio* e *summa pietas* têm relação com a *intellegentia mentis*, representando o meio pelo qual o homem pode vir a ter o conhecimento do divino. Assim, a religião da mente se diferencia de práticas culturais (*unus enim quisque pietate, religione, prudentia, cultu et ueneratione dei clarescit*).⁵⁶

Considerações

A tradução do *Asclepius Latinus* justifica o impacto que a própria literatura hermética teve no norte da África durante a dominação romana entre os séc. III e IV E.C.⁵⁷ Ao cotejar o texto grego e latino, Rochette salientou como se deu o processo de tradução *sensus de sensu* do *Sermo Perfectus* (Λόγος Τέλεις). Pode-se aventar que a razão pela qual os tradutores e leitores herméticos empregavam o procedimento de tradução *sensus de sensu* está no fato de que, diferentemente do procedimento de tradutores e copistas de textos bíblicos, na

⁵³ ROCHETTE, 2003, p. 85.

⁵⁴ Do contrário, o homem justo está resguardado na religião de Deus e na suma piedade. De fato, Deus protege tais [homens] de todos os males (tradução própria). HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 335-336; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 370.

⁵⁵ LACTANTIVS, 1965, p. 166; HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 336; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 370.

⁵⁶ HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 2, p. 336; ROCHETTE, 2003, p. 86.

⁵⁷ GONZÁLEZ BLANCO, 1980, p. 48-53.

Antiguidade tardia, os quais empregavam a tradução *verbum e verbo* ou *ad verbum*, os próprios autores herméticos não reconheciam nenhuma escritura infalível, de maneira que pudessem seguir estritamente o que e como está escrito nela. E, em outras palavras, não há qualquer evidência de crença em infalibilidade e inerrância escriturística nos textos herméticos.⁵⁸ Assim, os leitores herméticos se preocupavam muito mais com o sentido da palavra do que com a palavra *per se* independente do contexto em que eles estavam inseridos. Enquanto o texto grego pôde circular na parte oriental do Império Romano, na parte ocidental, verificou-se a ênfase dada ao sentido ou ao espírito das palavras herméticas em sua inteireza, mesmo que em língua latina. Por último, no processo de tradução, a personagem Hermes Trismegistos (Hermes Egípcio) também se converte em uma personagem latina, de maneira a explicar termos gregos em latim por meio de *code-switching*.⁵⁹

Referências

- APULEI PLATONICI MADAURENSIS. *De Philosophia Libri*. Recensuit, edidit Paulus Thomas. Leipzig: B. G. Teubner, 1921. v.3.
- BERTOLINI, Marco. Sul Lessico Filosofico dell' "Asclepius". *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*. Classe di Lettere e Filosofia, serie 3, v. 15, n. 4, p. 1151-1209, 1985.
- BROCK, Sebastian. Aspects of Translation Technique in Antiquity. *GRBS*, v. 20, n. 1, p. 69-87, 1979.
- CARDOSO, Zelia de Almeida. *A Literatura Latina*. 3. ed. rev. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- COPENHAVER, Brian P. Introduction. In: HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction - Brian P. Copenhaver. New York: Cambridge University Press, 2000. p. xiii-lxi.
- COPENHAVER, Brian P. Notes. In: HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction - Brian P. Copenhaver. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 93-260.
- DELATTE, L.; GOVAERTS, S.; DENOOZ, J. *Index du Corpus Hermeticum*. Roma: Edizioni dell'Ateneo e Bizzari, 1977.
- DERCHAIN, Philippe. L'authenticité de l'inspiration égyptienne dans le «Corpus Hermeticum». *Revue de l'Histoire des Religions*, Paris, t. 161 n. 2, p. 175-198, 1962.
- DODD, C.H. (Charles Harold). *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Reprinted Paperback Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- EBELING, Florian. *The Secret History of Hermes Trismegistus: Hermeticism from Ancient to Modern Times*. Forworded by Jan Assmann. Translated from the German by David Lorton. Ithaca and London: Cornell University Press, 2011 (first edition 2007).

⁵⁸ HERMETICA, 1985, v. 1, p. 7, 8-9.

⁵⁹ LIRA, 2018, p. 115, 130-131.

FOWDEN, Garth. *The Egyptian Hermes: A Historical Approach to Late Pagan Mind*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

GONZÁLEZ BLANCO, Antonino. El hermetismo Ensayo bibliográfico. In: *Anales de la Universidad de Murcia*. v. 38, n. 3, Filosofía y Letras, curso 1979-80. Murcia Universidad, Secretariado de Publicaciones, 1980.

HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A.D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011. 2t. 404p. (paginação contínua entre os dois tomos). (Collection des Universités de France).

HERMÈS TRISMÉGISTE. *Paralipomènes grec, copte, arménie*: Codex VI Nag Hammadi, Codex Clarkianus 11 Oxoniensis, Définitions Hermétiques, divers. Textes édités et traduit par Jean-Pierre Mahé. Paris: Les Belles Lettres, 2019. t. 5, CCLXX, 470p. (Collection des Universités de France).

HERMETICA: the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus. Introductions, texts and translation edited and translation by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 1.

HUNINK, Vincent. Apuleius and the “Asclepius”. *Vigiliae Christianae*, Leiden, v. 50, p. 288-308, 1996.

IOANNES LYDUS. *De mensibus*. Lesvos University of Aegean, c2006.

LACTANTIVS, L. Caelivs Firmianvs. *Divinarvm Institvtionvm*: Libri Septem. Edidervnt Eberhard Heck et Antonie Wlosok. Berlin; Boston: De Gruyter, 2011. Fasc. 4,

LACTANTIVS. *Divinae Institutiones et Epitome Divinarum Institutionum*. Recensuit Samuel Brandt. New York; London: Johnson Reprint, 1965.

LIRA, D. P. O bilinguismo greco-romano na tradução latina do *ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ*: enfoques sociolinguísticos na análise do *Asclepius Latinus*. *CLASSICA* (SAO PAULO), v.31, p.113 - 136, 2018.

MAHÉ Jean-Pierre. Remarques d'un latiniste sur l'Asclepius copte de Nag Hammadi. *Revue des Sciences Religieuses*, tome 48, fascicule 2, p. 136-155, 1974.

MAHÉ, Jean-Pierre. Hermes Trismegistos. In: JONES, Lindsay (Ed.). *Encyclopedia of Religion*. 2. ed. Detroit: Thompson/ Gale, 2005. v. 6. p. 3938-3944.

MERCATI, Giovanni. *Note di Letteratura Biblica e Cristiana Antica*. Studi e Testi. Roma: Typographica Vaticana, 1901.

NAG HAMMADI codices V, 2-5 and VI. Volume Editor Douglas M. Parrot. Leiden: E.J. Brill, 1978. v. 11.

NOCK, Arthur Darby; FESTUGIÈRE, André-Jean. Préface et Introduction. In : HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A.D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011. t. 2, p. 259-295.

PREISENDANZ, K et al.(eds.). *Papyri Graecae Magicae. Die Griechischen Zauberpapyri*. Stuttgart: Teubner, 1974 (1928-1931). 2 v.

RAGON, E. *Gramática grega*. Inteiramente reformulada por A. Dain, J.-A. de Foucault, P. Poulain. Tradução de Cecilia Bartalotti. São Paulo: Odysseus, 2012.

ROCHETTE, Bruno. Un cas peu connu de traduction du grec en latin : l'« Asclepius » du Corpus Hermeticum. *Cahiers du Centre Gustave Glotz*, 14, p. 67-96, 2003.

SCOTTI, Mariateresa Horsfall. The "Asclepius": Thoughts on a Re-Opened Debate. *Vigiliae Christianae*, v. 54, n. 4, p. 396-416, 2000.

THOMAS, Paulus. Apparatus Criticus. In: APULEI PLATONICI MADAURENSIS. De Philosophia Libri. Recensuit, edidit Paulus Thomas. Leipzig B. G. Teubner, 1921. v.3.

VAN DEN BROEK, Roelof. Hermetic Literature I: Antiquity. In: HANEGRAAFF, Wouter J. (Ed.). *Dictionary of Gnosis and Western Esotericism*. Leiden; Boston: Brill, 2006. p. 487-498

YATES, Frances A. *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*. London: Routledge and Kegan Paul, 1964.

Recebido em: 09/04/2021

Aprovado em: 17/05/2021